

**“Versado nestas
histórias e indagador
destas antiquilhas”:
os fazeres
historiográficos de
Serafim Santiago (1914-
1932)**

*Magno Francisco Santos**

Resumo

No emergir do século XX os fazeres historiográficos eram marcados pela polifonia de ações, sentidos e finalidades, com a prevalência de modelos narrativos plurais. A atuação de pensadores da história envolvia escritos heteróclitos e dilatados, que revelam as ambivalências da institucionalização da história ainda embebida pela inspiração dos anti-quários. Neste artigo tenho como escopo analisar os fazeres historiográficos de Serafim Santiago (1914-1932). Tratava-se de um letrado que atuou como funcionário público e que ao longo dos primeiros decênios do século XX escreveu o “Anuário Cristovense”, um texto revelador acerca do investimento na construção de uma narrativa histórica que mesclava diálogo historiográfico, referências à tradição oral e memórias individuais. Assim, seus escritos são reveladores de uma concepção de história no emergir dos tempos republicanos.

Palavras-chave: Serafim Santiago; fazeres historiográficos; historiografia.

* Doutor em História pela UFF. Professor Adjunto do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista de Produtividade do CNPq Nível 2. E-mail: magno.santos@ufrn.br

“Versed in these stories
and an inquirer of
these antiques”: the
historiographical works
of Serafim Santiago (1914-
1932)

“Versado en estas
historias y indagador de
estas antigüedades”: los
haceres historiográficos
de Serafim Santiago
(1914-1932)

Abstract

At the dawn of the 20th century, historiographic activities were marked by the polyphony of actions, meanings and purposes, with the prevalence of plural narrative models. The work of thinkers of history involved heteroclitite and dilated writings, which reveal the ambivalences of the institutionalization of history still imbued by the inspiration of antiquarians. In this article I aim to analyze the historiographical works of Serafim Santiago (1914-1932). It was a scholar who worked as a civil servant and who, throughout the first decades of the 20th century, wrote the “Anuário Cristovense”, a revealing text about the investment in the construction of a historical narrative that mixed historiographical dialogue, references to oral tradition and individual memories. So, his writings are revealing of the construction of a conception of history in the emerging republican times.

Keywords: Serafim Santiago; historiographic doings; historiography.

Resumen

En el emerger del siglo XX los haceres historiográficos eran marcados por la polifonía de acciones, sentidos e finalidades, con la prevalencia de modelos narrativos plurales. La actuación de pensadores da historia envolvía escritos heteróclitos e dilatados, que revelan las ambivalencias de la institucionalización de la historia aún embebida por la inspiración de los anticuarios. En este artículo tengo como escopo analizar los haceres historiográficos de Serafim Santiago (1914-1932). Trataba de un letrado que actuó como funcionario público e que al largo de los primeros decenios del siglo XX escribió el “Anuário Cristovense”, un texto revelador acerca del investimento en la construcción de una narrativa histórica que mesclaba el diálogo historiográfico, referencias a la tradición oral y memorias individuales. Así, sus escritos son reveladores de una concepción de historia en el emerger de los tiempos republicanos.

Palabras-clave: Serafim Santiago; haceres historiográficos; historiografía.



Introdução

Antiga cidade de São Cristóvão. Idos de 1914. Um “antigo ancião” da primeira capital sergipana recebeu um “ilustre visitante” de Aracaju e percorreram as ruas da cidade alta e da cidade baixa. Vislumbraram os antigos sobrados e igrejas. Passaram esperançosos pelos espaços da nova fábrica de tecidos. Choraram, juntos, diante das lápides de amigos falecidos no cemitério da velha urbe. Em um passeio de dois dias, os transeuntes dialogaram e evidenciaram o passado como inspiração. Ao término do périplo urbano, os dois passaram a conversar sobre Serafim Santiago, uma figura nascida naquelas plagas:

Ele já conta seus 54 anos, porém sempre com *uma mania de escrever a história de São Cristóvão, desde a fundação até o presente*. Diz ele que tem dois livros manuscritos, ambos escritos por ele, mesmo sem saber ler, são livros sem valor como ele mesmo os intitula, porém breve terei-os por empréstimo, a fim de apreciarmos *as histórias antigas de nossa terra*. Pergunta o recém-chegado então ao nosso patricio: Santiago é cronista? Respondeu o ancião: *não é cronista, é versado nestas histórias e indagador destas antiqualhas* (SANTIAGO, 2009, p. 121 – Grifos nossos).

O aludido diálogo foi reportado no “Anuário Christovense”, escrito por Serafim Santiago ao longo dos primeiros decênios do século XX. Tratava-se de um homem nascido na cidade de São Cristóvão nos idos de 1860 e que vivia a longos decênios em Aracaju, exercendo a atividade de servidor público. Apesar de ter sido descrita minuciosamente, não há como saber se essa conversa realmente ocorreu ou se foi um artifício mobilizado pelo autor para explicitar a apresentação dos monumentos da cidade no tempo presente. Isso porque, a alegada conversa menciona a existência de dois livros manuscritos, sendo que eles passaram a ser escritos a partir de 1914 e foram concluídos por volta de 1932. Além disso, nem mesmo os nomes dos atores foram apresentados.

Todavia, o diálogo replicado nas páginas do manuscrito elucida algumas questões relevantes acerca dos fazeres historiográficos no

emergir do século XX. Em suas palavras, transportadas para a boca de um ancião de São Cristóvão e reproduzidas em seu manuscrito, Serafim Santiago tinha por mania escrever. Essa constatação denota as ambivalências do emergir do século XX, entre os fazeres profissionais e os fazeres escriturários. A escrita era remetida quase sempre como uma operação de mania, divertimento, inspiração e paixão (FERREIRA, 2023). No dito caso, a escrita de Serafim Santiago era situada em um lugar bem definido: tratava-se da história de São Cristóvão. Assim, o manuscrito seria um livro com a história de sua terra natal. Uma história que contemplava desde os tempos mais remotos da fundação até o presente.

O segundo aspecto a ser considerado é no tocante à leitura de si como um sujeito dotado de incipiente educação formal. Exageradamente, o autor se autorreferenciou como um homem “que não sabia ler”. Não se tratava de um acadêmico formado nas antigas faculdades do país ou integrante de agremiações culturais e científicas, como gabinetes de leitura, academias de letras e institutos históricos. Tratava-se de um funcionário público, que vivia em Aracaju e usava de sua escrita como um elemento para atenuar a saudade de seu torrão e para registrar as coisas e os fazeres doutros tempos. Era um homem de letras formado em âmbito informal, a partir da labuta com leituras de livros disponíveis em bibliotecas (SANTOS, 2022; MAYNARD, 1998).

O terceiro elemento sinaliza para os usos do texto manuscrito. Nas palavras do autor, o texto seria emprestado e lido por amigos, como forma de divulgar a história municipal (SANTOS, 2015). De alguma forma, esse argumento evidencia a existência de uma rede de sociabilidade na qual os escritos antes mesmo da publicação eram apreciados por amigos letrados, que buscavam conhecer as histórias (SIRINELLI, 2007). Tratava-se de um texto que não foi pensado para ser publicado, mas para circular em sua condição de manuscrito entre familiares e amigos. Uma história para ser lida pelos íntimos.

Por fim, o questionamento se Serafim Santiago seria um cronista. O ancião teria argumentado de que não se tratava de um cronista, mas de um “versado nestas histórias e indagador destas anti-



qualhas”. Tal assertiva, mobilizada como título deste artigo, sinaliza para a questão de como Serafim Santiago se via em seus fazeres de registro do passado remoto e recente de sua terra natal. É reveladora também das ambivalências que atravessavam os fazeres historiográficos no emergir da centúria novecentista, marcados pela polifonia de ações, sentidos e finalidades, com a prevalência de modelos narrativos plurais.

Diante disso, pautado nestas provocações evocadas ao longo dos escritos do aludido autor, neste artigo tenho o escopo de analisar os fazeres historiográficos de Serafim Santiago no período entre 1914-1932. Para isso, aciono como fonte os escritos historiográficos do referido autor, publicados sob o título “Anuário Christovense ou Cidade de São Cristóvão”. Esse livro que veio à lume apenas nos idos de 2009, traz escritos elaborados entre 1914 e 1932, poucos meses antes de seu falecimento. Neste sentido, trata-se de um texto devedor da sistematização inicial das informações históricas, pautada na apreciação da historiografia e da mobilização de fontes que complementavam a narrativa.

Ao partir da premissa de José Carlos Reis na qual “a história seria aquilo que os historiadores fazem” (REIS, 2010, p. 22), arremato o debate acerca do que caracterizava esse fazer ao longo dos primeiros decênios do século XX. Neste caso, não busco somente identificar a atuação dos historiadores e dos seus escritos, mas, principalmente, entender o que eles pensavam acerca desse fazer. Seguir este percurso epistêmico possibilita ampliar o nosso olhar acerca da pluralidade conceitual e metodológica que demarcaram os fazeres historiográficos em outros tempos. Propicia o mergulhar em um cenário tingido por uma evidente demanda por história e a identificação dos multifários modelos de construção das narrativas históricas.

No caso aqui reportado, Serafim Santiago é um historiador quase que ignorado nas narrativas acerca da história da historiografia. Geralmente, ele foi mobilizado nas pesquisas históricas como fonte, em decorrência do forte teor descritivo dos episódios narrados. Essa apropriação de seus escritos como evidências escritas acerca dos aspectos vividos e não como problema acerca da escrita



resultou na construção da imagem do letrado como memorialista e não como historiador. Neste sentido, é recorrente atribuir maior valor às informações dos escritos do que propriamente ao escritor.

Assim, antes mesmo de ser publicado em formato livro, o texto manuscrito circulou nas mãos de pesquisadores e em acervos de algumas instituições científicas. De alguma forma, os cadernos acabaram extrapolando o universo de leitura planejado pelo autor, que no texto introdutório revela: “este manuscrito ou passatempo, livro sem valor, de minha lavra exclusiva, que deixarei proporcionando entretenimento a todos os membros de minha família, este que conhecendo a minha fraqueza, bem poderão revelar as grandes lacunas que nele se encontrarem” (SANTIAGO, 2009, p. 45).

Esse circuito familiar de leitura, aparentemente, nunca foi respeitado. O próprio texto sinaliza ainda que Serafim Santiago ao mesmo tempo escrevia e o emprestava a amigos para leitura. Possivelmente, após a morte de Serafim Santiago, nos idos de 1932, os livros manuscritos foram doados a amigos e instituições acadêmicas de salvaguarda da memória. Um aspecto que corrobora esse argumento é citação do manuscrito por José Calazans, nos idos de 1951, ao remeter sobre as cantigas de cacumbis e de taieiras em Sergipe a partir das descrições das festas de reis de São Cristóvão (CALAZANS, 1951, p. 180). De qualquer forma, os familiares de Santiago fizeram a doação de um dos exemplares ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, como foi ressaltado pelo historiador Ibarê Dantas: “ao longo dos anos, vários intelectuais sergipanos, ou suas famílias, confiaram ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe a guarda e a propriedade de manuscritos de grande importância para a construção de nossa História” (DANTAS, 2009, p. 5).

A partir da referenciação de José Calazans, os escritos de Serafim Santiago galgaram visibilidade e se tornaram uma fonte privilegiada para as pesquisas sobre a cultura. Parte desse percurso dos manuscritos foi explicitada por Beatriz Góis Dantas:

Pesquisava então a Taieira, uma dança ritual vinculada à coroação de reis negros e ao culto popular de santos da Igreja Católica, que integra a festa de São Benedito

original *Anuario Christovense ou Cidade de São Cristóvão*” (DANTAS, 2020, p. 21).

Partindo desta premissa, enveredo pela dimensão dos fazeres historiográficos de Serafim Santiago. Para isso, o artigo encontra-se dividido em duas seções. Na primeira, a partir das informações apresentadas no “*Anuario Christovense*”, recupero os elementos biográficos de Serafim Santiago, inserindo-o nas redes familiar, profissional e de amizade. Na segunda, discorro sobre as fontes que foram acionadas na escrita de seu manuscrito, ao avalizar a historiografia e cotejar com as fontes arquivísticas, a cultura material, a tradição oral e as experiências vivenciadas. Além disso, percorro a questão da sua concepção de história.

*“Um devotado do passado, um antiquário apaixonado”:
Serafim Santiago*

146

Uma das ambivalências atinentes a Serafim Santiago é a escassez de fontes acerca de sua trajetória. Dele, pouco se encontra nos acervos de arquivos e bibliotecas. Conseqüentemente, também pouco se sabe sobre quem teria sido esse letrado que viveu entre o final do século XIX e os três primeiros decênios do XX. Como foi elucidado por Itamar Freitas, Serafim Santiago “é o nome de um historiador desconhecido entre nós” (FREITAS, 2009, p. 9). Quatorze anos à publicação do manuscrito, essa assertiva ainda é relativamente válida, pois se por um lado o nome do autor passou a ser reconhecido e constantemente apropriado como fonte; por outro, ainda são poucas as informações substanciais no tocante ao sujeito histórico.

Isso se deve, em grande parte, por ele ter sido um letrado em condição de mediador cultural, ao privilegiar a operação nos bastidores, sem inserção em instituições culturais e pouco atuante na imprensa. Nos jornais, suas aparições foram circunscritas às campanhas em prol da arrecadação de fundos para restauração de igrejas ou em notas de agradecimento, além de registros sobre lendas, publicadas postumamente. Nada mais além disso.

Neste sentido, pensar acerca da trajetória de Serafim Santiago implica uma ação inversa à premissa da abundância de fontes e

que exigiria “um historiador papívoro” (SIRINELLI, 2007, p. 245). Ao contrário, encontro-me munido apenas de dispersas informações evocadas em seu Anuário e dados obtidos em entrevistas com Maria Paiva Monteiro (2003), antiga moradora de São Cristóvão e que chegou a conhecer a família de Serafim Santiago. Com isso, a maior parte das referências biográficas foram disponibilizadas pelo próprio autor, em decorrência de seu fortuito estilo de escrita que se deslocava entre o autobiográfico e o histórico, o privado e o público, o particular e o coletivo. Essa escrita pouco ortodoxa possibilitou a disponibilização de alguns traços do historiador, corroborando, inclusive, para corrigir algumas imprecisões historiográficas.

Certamente, as principais discrepâncias de informações aparecem no tocante à data de nascimento do autor. Afinal, quando teria nascido Serafim Santiago? De forma recorrente, as pesquisas que acionam tais escritos como fonte apenas sinalizam os anos de nascimento e falecimento de Santiago, respectivamente, tidos como 1859 e 1932 (SANTOS, 2015, p. 16; DANTAS, 2020, p. 22; MACIEL, 2021, p. 21). Substanciado pela documentação da Loja Maçônica Cotinguiba, Itamar Freitas apresentou dados mais precisos: “Soube também de um formulário nos arquivos da Loja Maçônica Cotinguiba que informa a data de nascimento de Santiago: 4 de janeiro de 1859” (FREITAS, 2009, p. 10).

Porém, esse registro oriundo da maçonaria deve ser resultante de uma informação equivocada, pois o próprio Anuário apresenta outra data de nascimento. Ele assim explicitou: “Meu filho ou neto, alguém que tocar este manuscrito, rogo-lhe prestar atenção ao que vou historiar: a minha vinda a este vale de lágrimas, data de 15 de junho de 1860” (SANTIAGO, 2009, p. 175). É de amplo conhecimento as ambiguidades nos registros de nascimentos em períodos mais recuados. Em muitos casos, as datas registradas em diferentes instituições não eram correspondentes. Em casos assim, tendo a privilegiar as fontes mais consistentes acerca dessa questão, como os livros de batismo e as autodeclarações. Como o primeiro livro de batismo da Paróquia Nossa Senhora da Vitória não foi localizado, considero a data revelada pelo autor do Anuário.



No âmbito familiar, Serafim Santiago só tinha reconhecida a sua ascendência materna. Tratava-se, portanto, de uma condição comum entre as famílias de negros e pardos do Império do Brasil, o que poderia denotar uma paternidade oriunda de um caso extra-conjugal ou de abuso sexual cometido por senhores escravistas. Situações como essa foram recorrentes nas trajetórias de letrados negros, como Theodoro Sampaio, filho de uma mulher negra escravizada e de sacerdote, que acabou comprando a sua alforria e custeando os seus estudos na Escola Politécnica do Rio de Janeiro (SANTOS, 2022). Pelos indícios dos registros documentais, Serafim Santiago ficou entregue à própria sorte. Não recebeu fomento aos estudos, atenção e nome do pai.

Serafim Santiago era filho de Umbelina Maria da Conceição. As suas anotações sinalizam que ele teria nascido e vivido a infância e juventude na casa do avô materno, Serafim José de Santiago. Sobre o avô, ele o apresentou a partir de uma conversa:

Diga-me, você lembra-se de um nosso patricio Serafim de Santiago, neto do velho Serafim José de Santiago, alferes dos distintos de milícias? Não tenho lembranças do Serafim neto, pois já estou fora da terra há muitos anos, lembro-me perfeitamente do velho Serafim José de Santiago, morador na rua das Flores, vizinho à Igreja do Amparo (SANTIAGO, 2009, p. 120).

Em outro momento, ao falar das celebrações e festas do mês de agosto, ele foi mais preciso e registrou onde morava:

Sete de agosto. Neste dia começavam as novenas de Nossa Senhora do Amparo em São Cristóvão. Eu morava na rua das Flores, em uma casa contígua a Igreja do Amparo. Na minha infância, era este o dia de maior satisfação para mim. As chaves da referida Igreja, por confiança do Tesoureiro e Zelador – João Nepomuceno Borges (ali conhecido por João Bebe-água), à minha família, eram depositadas em nossa casa (SANTIAGO, 2009, p. 260).

Essa assertiva é precisa em determinar que Serafim Santiago viveu em São Cristóvão na casa adjacente à Igreja Nossa Senhora

do Amparo dos Homens Pardos. Além da proximidade física em relação ao templo dos pardos, Serafim Santiago também ressaltou que havia um elo sentimental. Ele e o seu avô foram integrantes da Irmandade do Amparo, que congregava os homens pardos da cidade e muitos dos artesãos, notadamente, os armadores. Santiago teve como padrinho de batismo Manoel do Amparo, que foi um dos tesoueiros da aludida irmandade (SANTIAGO, 2009, p. 266). Pelas descrições das inúmeras festas religiosas e cívicas efetivadas em São Cristóvão, ao longo do último quartel do século XIX, com a ativa participação de Serafim Santiago nos preparativos de carros alegóricos e andores, é possível afirmar que até os idos de 1887 ele também exerceu como uma de suas atividades o ofício de armador, onde construiu uma significativa rede de solidariedade.

Um nome relevante dessa rede de sociabilidade foi o do armador Pedro Antônio Falconiere, que era tio de Serafim Santiago e juntos realizaram inúmeros preparativos de festas. Falconiere integrava a Confraria Nossa Senhora da Vitória e era casado com Leopoldina Falconiere. Além desses nomes, Santiago também mencionou outros familiares que integravam o círculo de amizades, como as tias Margarida e Chiquinha e o seu único irmão elencado: Sebastião Duarte.

Contudo, os episódios mais importantes dessa trajetória sentimental e familiar ocorreram no período entre 1884 e 1887. No início da década de 1880, em decorrência da ausência de trabalho na antiga cidade, Santiago mudou-se para Aracaju. Na nova capital, o letrado levou consigo a sua mãe, Umbelina Maria da Conceição e os dois passaram a morar na casa da tia Chiquinha, situada na “hoje praça Tobias Barreto” (SANTIAGO, 2009, p. 138). Contudo, essa estadia de um amplo núcleo familiar durou pouco. No dia 17 de fevereiro de 1884, após ter retornado de uma viagem a São Cristóvão, onde participou do sepultamento do amigo Emílio, antigo zelador da Irmandade do Rosário, ele foi recebido por familiares que informaram que a matriarca se encontrava moribunda. Na tarde daquele mesmo dia dona Umbelina da Conceição faleceu, ocasião na qual, Taciano, amigo da família, ofereceu dinheiro caso houvesse necessidade. Se-



rafin Santiago registra que aceitou o empréstimo, com o intuito de atender a vontade da mãe que “sempre pedia-me para ser enterrada na Igreja do Amparo em São Cristóvão, se morresse no Aracaju” (SANTIAGO, 2009, p. 140).

As descrições detalhadas acerca da morte e sepultamento da mãe revelam sinais importantes acerca da trajetória de Serafim Santiago: homem pardo, de pouca instrução formal, de poucos recursos financeiros e que precisava do auxílio de amigos com empréstimos. No Anuário ele relatou alguns momentos nos quais, para deslocar-se a São Cristóvão, antes da criação da ferrovia, ele precisava recorrer ao aluguel de cavalos. Todos os indícios sinalizam para uma vida marcada por exiguidade, que o impelia a dedicar os vencimentos à manutenção de sua família.

Após o episódio trágico, Serafim Santiago resolveu atender a um antigo pedido de sua mãe, para que realizasse o matrimônio com Sara Rosa de Brito Lima. Sara integrava uma família que possuía fortes vínculos afetivos com os Santiago. Isso tornou possível a realização das núpcias, apesar da condição de pobreza de Santiago. Se, por um lado, Serafim Santiago era um habilidoso armador, os irmãos de Sara, Aarão e Isaac de Brito Lima, eram funcionários públicos e renomados músicos da Orquestra Sacra, que tocava nas festas religiosas da capital e de cidades como São Cristóvão, notadamente, nas pomposas procissões de Bom Jesus dos Navegantes de Aracaju (SANTOS, 2006) e do Senhor dos Passos de São Cristóvão (SANTOS, 2015).

A atuação dessa orquestra foi ressaltada pelo professor José Cruz, em um artigo publicado na Revista de Aracaju nos idos de 1957. No caso, o autor é o mesmo que recebeu um dos exemplares do manuscrito, o que elucida um amplo predomínio da dimensão familiar na constituição das redes intelectuais entre letrados que atuavam na mediação cultural. No artigo, José Cruz afirmou que “a orquestra de Mestre Cula tocava nas festas religiosas da Catedral de Aracaju e nas do interior do Estado, tais como nos “Passos” em São Cristóvão, Maruim e Santo Amaro das Brotas” (CRUZ, 1957, p. 256). Ao listar os integrantes da orquestra sacra, Cruz ressaltou a qualidade dos cunhados de Serafim Santiago:



12 figuras cantores: os barítonos Abrão de Brito Lima e seu irmão Isaac, cujas vozes agradavam, porque ajustavam à finalidade sacra da orquestra, porque, enfim, tinham “bom peito”, como se costumava dizer... (CRUZ, 1957, p. 256).

O registro elaborado por José Cruz coaduna com as memórias orais produzidas por Maria Paiva Monteiro (2003). Em entrevista realizada em dezembro de 2003, ao ser interrogada se chegou a conhecer Serafim Santiago, ela destacou que ele era casado com Sara e cunhado dos músicos que cantavam os motetos nas procissões de Passos. Os irmãos foram denominados de “família sagrada”, com a ênfase que todos os irmãos possuíam nomes bíblicos. Por sua vez, Serafim Santiago registrou o seu forte vínculo com os cunhados, inclusive, chegou a descrever a trágica morte de Isaac Brito de Lima, que teve um mal súbito em seu local de trabalho, na Tesouraria do Estado e chegou à óbito nos braços de Santiago nos idos de 1923. O matrimônio com Sara Rosa Brito de Lima ocorreu no dia 25 de junho de 1887, na igreja matriz, conforme pode ser observado no Livro de Registros de Casamentos da Paróquia Nossa Senhora da Vitória:

Serafim José de Santiago e Sara Rosa de Brito Lima. Aos vinte e cinco dias de junho de 1887 na Matriz, feitas as denúncias canônicas na forma do sacro concílio de Trento, em presença das testemunhas Capitão Antônio Gonçalves Barroso e Júlio César da Silveira, casaram e receberam as bênçãos nupciais, ele filho natural de Umbelina Maria da Conceição, ela filha legítima de José de Brito Lima e Irene Nunes de Brito. Todos naturais da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória (CASAMENTO, 1887).

O documento paroquial confirma a hipótese pensada acerca da estruturação do núcleo familiar. Serafim Santiago era considerado filho natural de Umbelina, ou seja, os seus pais não eram casados e, em decorrência do silêncio acerca do pai, posso ponderar que possivelmente o pai nunca chegou a reconhecê-lo como filho legítimo. Casado com Sara Rosa de Brito Lima, Serafim Santiago constituiu uma grande prole, com nove rebentos: Benjamim Santiago, Serafim

Santiago Júnior, Anita, Pedro Santiago, Francisca, Umbelina Santiago, João Batista Santiago, Jair Santiago e Mário Santiago. O letrado registrou em diferentes momentos as dificuldades em garantir o sustento dos filhos, aguçada pelas enfermidades de Sara Rosa Brito de Lima, que tinha um avançado problema de erisipela nas pernas que limitava os deslocamentos.

No Anuário Cristovense Serafim Santiago registrou pelo menos dois cargos que ocupou no serviço público da nova capital sergipana. Inicialmente, “empregou-se na Intendência Municipal em 14 de agosto de 1890, deixando este lugar em 26 de julho de 1894, para ocupar o cargo de segundo escrivão da Alfândega do Aracaju” (SANTIAGO, 2009, p. 120). Ao longo de sua trajetória, Serafim Santiago ocupou cargos públicos e dividiu o tempo entre as atribuições de seu ofício e o investimento na leitura da produção historiográfica. Foram essas “leituras de intervalo” ou em uma “esparsa revisão historiográfica” que ganhou contorno o seu pensamento historiográfico. É oportuno discorrer sobre esses fundamentos.

“Meu devaneio predileto”: os fazeres historiográficos

Os fazeres historiográficos mobilizados por Serafim Santiago empreendia profusas ações, que muitas vezes eram efetivadas em estilo pouco ortodoxo, mas que possibilitou a constituição de uma trama histórica original, marcada pela pluralidade de vozes e sujeitos protagonistas. Para acionar essa polifonia discursiva, estructurei o exame em três dimensões que se constituem como basilares na investigação histórica: a validação historiográfica, a heurística documental e os procedimentos metodológicos e investimento conceitual.

A primeira dimensão é numericamente surpreendente, pois como um homem de poucos recursos e de incipiente formação, Serafim Santiago utilizou-se dos acervos de bibliotecas públicas para empreender uma significativa revisão da historiografia disponível em seu tempo. Essa produção encontra-se diluída em livros clássicos produzidos por europeus, com autores como Guilherme Humboldt, Eça de Queiroz e Valentim Fernandes, com o seu raro

Repertório dos Tempos, publicado em 1557. Certamente, esse livro foi o elemento basilar para instituir a estruturação do Anuário Cristovense, no qual os episódios históricos do catolicismo, da cidade e de sua rede de afetividades foram narrados. Como de forma astuta foi observado por Beatriz Góis Dantas, no livro “havia um elemento que dava rumo à narrativa, pois Serafim Santiago toma como fulcro de sua exposição a sequência do tempo ordenado segundo o calendário civil que divide o ano em 12 meses” (DANTAS, 2009, p. 21).

Além dos autores europeus, Serafim Santiago também efetivou o diálogo com uma ampla frente da historiografia brasileira, ao mobilizar tantos autores coetâneos como autoridades circunscritas ao passado colonial. Entre os mais remotos escritos do passado nacional foram evocados autores como Padre Antônio Vieira, Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão e Frei Antônio de Nazareth. A convocação dos autores era referendada por um critério precípua: ter descrito algum episódio referente à história de São Cristóvão. Ter falado do seu torrão natal era o critério que alçava um texto a ser evocado.

Entre os escritos do século XIX, foram considerados tanto os autores de produções consolidadas na esfera acadêmica, como textos voltados para o público escolar. O critério de elegibilidade permanecia ter algum espaço dedicado aos feitos históricos da vetusta São Cristóvão. Neste ínterim foram agenciados textos de autores como Robert Southey, Alphonse de Beauchamp, Francisco Adolpho Varnhagen, Constâncio e o próprio Imperador Pedro II, com os registros de sua viagem às províncias do norte nos idos de 1860. De alguma forma, ele levou para o diálogo os autores que eram considerados como as principais autoridades nos fazeres historiográficos do Brasil oitocentista.

O mesmo ocorreu no tocante à apropriação dos escritos de autores sergipanos. Todavia, havia um aspecto que especificava os textos escritos em âmbito estadual em relação aos demais: a variedade de estilos e suportes. Possivelmente, em decorrência do acesso facilitado pela circulação de jornais nos setores públicos de Aracaju, Serafim Santiago realizou o debate com um elevado número de autores que apresentavam as suas conclusões em livros, revistas,



jornais e até mesmo em conversas amistosas ou livros ainda no prelo. O Anuário Cristovense registra nomes de alguns dos pioneiros nos fazeres historiográficos em âmbito local, como Marco Antônio de Souza, Antônio Dormundo, Antônio José da Silva Travassos, Joaquim José d'Oliveira; além de uma plêiade de autoridades historiográficas que eram egressas da Escola do Recife e da Faculdade de Medicina da Bahia, como Felisbelo Freire, Manuel dos Passos de Oliveira Telles, Severiano Cardoso, Elias do Rosário Montalvão e Baltazar Góis. Quase sempre os autores foram evocados de forma elogiosa, mas sempre preocupando-se em estabelecer as diferentes funções a cada tipo de leitura, conforme ele dizia:

trabalho que me acho formulando com apontamentos que extraí das bem elaboradas obras “Memórias sobre a Capitania de Sergipe”, por D. Marcos Antônio de Souza, “Apontamentos Históricos e Topográficos sobre a Província de Sergipe” pelo Comendador Antônio José da Silva Travassos, “Orbe Seráfico ou Crônica dos frades menores da Província do Brasil”, por Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, e “Histórias Perdidas”, pelo Patrício Cristovense Dr. Joaquim José d'Oliveira. Será com o auxílio delas, assim como o da “História de Sergipe”, pelo Dr. Felisbelo Firmo de Oliveira Freire, “A Cruz do Ouvidor” (tradição antiquíssima), pelo Dr. Manoel dos Passos de Oliveira Telles, e finalmente da Sergipegraphia (ainda no prelo), pelo hábil cirurgião-dentista Elias do Rosário Montalvão. Entusiasmado ficava, *sempre que tinha ocasião de ler*, ou gaguejar *cada uma desta bem escritas obras*, pois nelas encontrava tudo com relação à fundação da antiga e tradicional Cidade de São Cristóvão, ou Sergipe de El Rei (...). *Não me sendo possível deixar aos meus descendentes um exemplar das preciosidades acima citadas*, onde se encontra não só o que extraí para este manuscrito... (SANTIAGO, 2009, p. 44).

Observa-se que a apreciação historiográfica efetivada por Serafim Santiago era amplamente marcada por uma dimensão elogiosa e, não raras as vezes, contemplativa: a leitura das narrativas históricas revelava um forte aspecto de admiração pelas “bem elaboradas



obras”, tidas como “bem escritas”. Além disso, o seu registro expressava a sua inserção nos bastidores das redes de sociabilidades intelectuais, pois ele chegou a ter acesso a livros que ainda se encontravam no prelo. Certamente, esse elemento reafirma o contato de Serafim Santiago não somente como um informante dos saberes de São Cristóvão, mas também como um interlocutor que avalizava os escritos. Por fim, também é importante registrar que uma das finalidades do Anuário Cristovense era sintetizar as narrativas das chamadas “preciosidades”. Em decorrência da inviabilidade financeira em deixar aos seus descendentes exemplares de tais livros, ele escreveu a história da cidade a partir de elementos extraídos da historiografia e complementados com outras fontes.

Todavia, o estado da arte mobilizado por Serafim Santiago nem sempre manteve o tom elogioso e de aquiescência. O letrado também se esforçou em acionar os princípios dos fazeres historiográficos para divergir das interpretações atinentes ao passado de sua cidade. O caso mais drástico de oposição foi em relação aos episódios que teriam ocorrido alguns anos após a mudança da capital de São Cristóvão para Aracaju. Santiago informa que “já tinha dado por concluída esta narração quando tive a infelicidade de ler um artigo no ‘Jornal do Povo’, de 15 de maio de 1917, no local ‘Cousas Passadas’. Com este título narrou um tal Dariophanio de Campos” (SANTIAGO, 2009, p. 264). O ajuizamento do artigo ocorreu por meio da desqualificação do autor nos fazeres historiográficos, notadamente, no princípio de compromisso ético com a verdade. Para Serafim Santiago, qualificou Dariophanio de Campos como um “mal-intencionado historiador”, “historiador e inventor”, “perverso historiador”, “criminoso historiador (SANTIAGO, 2009, p. 264-266) ou com ironias como “célebre historiador da referida festa” (SANTIAGO, 2009, p. 265).

Igualmente, Serafim Santiago desqualificou o teor do artigo e ao reproduzir trechos o remetia como “pequeno período deste nojento artigo” e “mal escrita imprecisão” (SANTIAGO, 2009, p. 265). De igual forma, ele apostrofou a forma pela qual o articulista adulava os poderosos e maldizia os pequenos, notadamente, a população de São Cristóvão. De acordo com Santiago, se tratava de um his-



torizador “miserável”, “bajulador dos homens potentados, para que tanto engrossamento ao falecido Comendador Botto e espezinhar os pacatos cristovenses” ou como “miserável! Protesto! Lava a tua repugnante boca, com água perfumada quando entenderes de falar contra os cristovenses” e “Mentiroso e desumano é o infeliz que escreveu semelhante artigo, ferindo os pacíficos cristovenses” (SANTIAGO, 2009, p. 265).

O principal elemento que foi mobilizado por Serafim Santiago para desqualificar o artigo analisado foi a questão da verdade, pensada como um elemento intrínseco aos fazeres historiográficos. O historiador deveria ter compromisso com os episódios históricos e respeitar os sujeitos de outros tempos. Neste sentido, o articulista do “Jornal do Povo” não seria um legítimo historiador, pois “diante de tantas invenções”, não haveria credibilidade para o referido artigo. Apesar disso, Serafim Santiago ressalta até que ponto o texto era inventivo e em quais aspectos o artigo “Cousas Passadas” tinha respaldo na verdade, ou seja, “até aí não usou da repugnante arma da mentira o historiador capaz de tudo” (SANTIAGO, 2009, p. 266).

No tocante à heurística, Serafim Santiago mostrou-se pouco ortodoxo. As informações disponibilizadas pela historiografia eram cotejadas e complementadas com outras fontes: cartas de sesmarias, ofícios, jornais, vestígios da cultura material e, principalmente, “contos tradicionais e modernos, que ainda tenho na memória, em relação ao que mais me interessava sobre a já citada fundação” (SANTIAGO, 2009, p. 45). O que foi denominado como contos, constituíam narrativas que eram reproduzidas sobre a história da cidade no âmbito da tradição oral. Ao longo do Anuário Cristovense, o autor mobiliza como os principais interlocutores sujeitos como Ana Rosa Ramos, João Nepomuceno Borges e Apolinário José de Moura, do qual ele buscou fazer “um ligeiro histórico, lembrança que ainda me resta das tradicionais histórias, que com muita atenção ouvia contar o meu velho amigo o cronista”. Esses narradores, tidos como cronistas tradicionais, eram requisitados ao longo de todo o livro, como vozes de autoridades, por meio do desígnio “assim narravam os anciãos, meus patrícios”.



Além das tradições orais, Serafim Santiago também demonstrava possuir um valioso conhecimento acerca dos acervos dos arquivos existentes no estado. Ele chegou a mencionar alguns destes arquivos, listando documentos que eram importantes para pensar a história. Para Santiago, “acham-se nos livros antigos do Arquivo da Câmara da antiga capital de Sergipe, hoje cidade de São Cristóvão, o registro de algumas dessas sesmarias, dos quais consta ter sido criada uma alfândega em Sergipe” (SANTIAGO, 2009, p. 47). De igual modo, ele mencionou o risco de perda dos registros musicais de compositores da cidade, como o notável José Anunciação Pereira Leite, no qual:

Não devíamos deixar dormir no arquivo do Quartel do Corpo de Polícia de nosso estado, suas admiráveis músicas marciais, nem mesmo serem roídas pelas traças as bem imaginadas e escritas músicas sacras existentes nos velhos arquivos musicais da antiga Cidade de São Cristóvão (SANTIAGO, 2009, p. 113).

Serafim Santiago demonstrava ser um letrado preocupado com a salvaguarda dos resquícios do passado, com as fontes que fornecessem informações sobre os tempos idos. Os seus fazeres historiográficos, de algum modo, remetiam a uma inspiração dos antiquários que atuaram entre os séculos XVIII e XIX, que segundo Renato Ortiz entre os quais “que caracteriza este período é uma tentativa de compilação e de ordenamento do material” (ORTIZ, 1992, p. 13). Contudo, ele não somente buscou o registro, mas também investiu na construção de uma definição acerca dos fazeres historiográficos. Igualmente, ele buscou posicionar-se no debate historiográfico, diante de historiadores como Marcos Antônio de Souza, Antônio Travassos e Felisbelo Freire. Diante da plêiade de homens que pensavam a história ele inseria as suas contribuições:

Autorizado pelas antigas tradições, digo eu: uma Igreja do Rosário a mais antiga ali existente. Os anciãos cristovenses apuravam sempre a antiguidade das duas igrejas; se o Rosário ou a Misericórdia, porém acho errônea a opinião dos que atribuíam ser a mais antiga a Misericórdia (SANTIAGO, 2009 p. 65-66).

Ao escrever o Anuário Cristovense, Serafim Santiago imaginou que ele seria destinado a um filho ou neto, “ao que se tornar curioso, diligente e investigador das antiguidades, tornando-se meu substituto” (SANTIAGO, 2009, p. 37). Esse argumento definia os parâmetros para ser um herdeiro em seus fazeres, que exigia a habilidade de ser cuidadoso. Além disso, a história teria como finalidade entreter pessoas que possuísem sensibilidades em relação ao passado. Por tal motivo, o autor pensou a “história que meu amor-próprio me autorizou a transcrever (...) para este meu livro manuscrito, aumentando, o pequeno repertório de entretenimento para as pessoas apaixonadas à leitura manuscrita de coisas velhas” (SANTIAGO, 2009, p. 43). Escrever história constituía, antes de tudo, uma demanda interna, uma satisfação pessoal em ter prazer ao conhecer o passado.

158



Diante dessas assertivas, emerge a questão. Podemos considerar Serafim Santiago um historiador? Como de forma pertinente Itamar Freitas (2009, p. 13) chama a atenção, pensar os fazeres historiográficos em épocas remotas exige que sejamos “flexíveis nos critérios, ou melhor, que inventariemos todas as modalidades que pululam nos jornais, arquivos e bibliotecas e interroguemos os próprios autores sobre a definição, função e os valores atribuídos aos seus próprios escritos”. Neste caso, para responder à questão, é preciso ouvir o próprio Serafim Santiago. No Anuário Cristovense ele tratou dessa questão, ao dizer que “falta-me a necessária habilitação de um cronista” (SANTIAGO, 2009, p. 175) e ao declarar de forma contundente: “É franqueza do historiador” (SANTIAGO, 2009, p. 191).

Mas, afinal, o que implicava em não ser cronista? O que seria um versado nestas histórias? O que seria um historiador? Para responder a esses questionamentos, busquei cotejar as definições destes conceitos pensados em obras coetâneas. De acordo com o Dicionário de Cândido de Figueiredo de 1913, cronista era definido como “aquele que escreve crônicas” (FIGUEIREDO, 1913, p. 438). Por sua vez, o vocábulo crônica apareceu como “Narração histórica, segundo a ordem dos tempos. Noticiário dos periódicos. Revista científica ou literária, que preenche periodicamente uma seção de jornal” (FIGUEIREDO, 1913, p. 438).

Neste caso, cronista emergia com uma definição ambivalente e que de alguma forma se complementava: designava pessoas habilitadas em produzir narrativas históricas, em ordem cronológica, mas que tinham como um escopo principal a publicação em periódicos. Talvez essa prerrogativa final tenha criado a relutância de Serafim Santiago em se reconhecer como cronista, alegando não possuir as devidas habilitações. Ainda sobre as ambivalências dessas definições, outro autor coetâneo auxilia na explicitação dos diferentes meandros que constituíam os fazeres historiográficos:

História é a narração autêntica e bem ordenada dos acontecimentos memoráveis que pertencem ao gênero humano (...). Se essa história for muito resumida, recebe o título de Memória. Anais são uma narração simples e concisa de fatos dispostos ano por ano sem ornamento, nem ligação. Diferem da história, porque esta omite quase sempre os meses e os dias, e relata os fatos em pormenores indicando as causas e os efeitos, descrevendo lugares, referindo discursos, tratados e coisas semelhantes; diferem também das crônicas, que por via de regra, contam os fatos de um só povo, ao passo que os anais os narram de muitos. Cronologia é a ciência que se ocupa em averiguar e registrar as datas dos acontecimentos (GALANTI, 1907, p. 1).

Serafim Santiago, neste sentido, se via como um historiador, preocupado com a escrita sobre o passado, mas não era um cronista, com inserção na vida pública por meio da atuação na imprensa. A sua narrativa histórica foi pensada em um gênero pouco usual, o anuário. No dicionário de Santos Saraiva, anuário remete a “anual, de ano. Que dura um ano, ou de cada ano” (SARAIVA, 1927, p. 80). Neste sentido, Santiago estruturou a sua narrativa história a partir do calendário civil e religioso, seguindo a cronologia mês a mês, mesclando episódios da vida privada e pública, individual e coletiva.

Essa narrativa tinha como lastro a prerrogativa da verdade. História e verdade eram pensadas como aspectos indissociáveis. Para Santiago, “a verdade está acima de tudo” (SANTIAGO, 2009, p. 106). O historiador tinha como substrato de seu ofício ter compromisso

ético com a constatação dos fatos, com o reconhecimento do caráter dos sujeitos históricos. Para isso, ele partia da premissa de “narrar com precisão, como desejo” (SANTIAGO, 2009, p. 180). Essa busca pela verdade também implicava em um amparo religioso. Católico e integrante da Irmandade do Amparo, Serafim Santiago também apelou para o sagrado:

Permiti Senhor e dai-me os verdadeiros esclarecimentos para aqui deixar escrito como memória os fatos deste lamentável acontecimento. É bem verdade que caracteriza em mim uma perturbação nervosa quando cabe-me de ler a tal lei provincial n. 413 de 17 de março de 1855 (SANTIAGO, 2009, p. 95).

O enredo histórico tecido Serafim Santiago, por vezes, transmutava-se em confessional: ora, para expor e clamar o perdão por sentir ódio dos atores envolvidos com a mudança da capital. Ora, ao confessar os sofrimentos com as perdas de familiares e amigos. Esse tom intimista da escrita historiográfica de Santiago poderia levar a suspeita acerca de sua imparcialidade no ofício do historiador. Todavia, o próprio fato dele reconhecer os sentimentos ao tratar sobre determinados temas evidenciava uma preocupação em explicitar o quanto a sua interpretação também era movida por sua personalidade. De algum modo, tratava-se de um historiador que não temia expor as fragilidades e os limites de sua interpretação. Assim, atuava Serafim Santiago, “o historiador por tradição” (SANTIAGO, 2009, p. 237).

Considerações finais

Neste artigo mobilizei os fazeres historiográficos do historiador sancritovense Serafim Santiago. Tratava-se de um pensador da história que esteve envolvido na produção do Anuário Cristovense ao longo dos primeiros decênios do século XX, em um texto marcado pela operação de estilos heteróclitos e dilatados, que revelam as ambivalências da institucionalização da história ainda embebida pela inspiração dos antiquários.



Todavia, essa escrita plural e até certo ponto marginal, que durante décadas circulou apenas no universo manuscrito, é reveladora de uma preocupação em construir uma leitura de si. Serafim Santiago registra em seus cadernos informações que denotavam a sua condição social de homem pardo, armador que organizou festas católicas e cívicas, católico, devoto do Senhor dos Passos e integrante da Irmandade do Amparo dos Homens Pardos, filho natural de uma mulher que não chegou a se casar. Ele era um homem que construiu redes de sociabilidades com outros homens negros, integrantes das irmandades do Rosário e do Amparo, bem também com parte da elite letrada sergipana, notadamente, Severiano Cardoso, Armindo Guaraná e Elias Montalvão. Uma rede na qual ele era consultado no processo de escrita dos artigos ou lia as primeiras versões antes da ida ao prelo.

Contudo, sua condição de homem pardo e com parca formação tornaram-se impeditivos de maiores voos nos fazeres historiográficos. Atuou nos bastidores, como servidor público, vasculhando arquivos e bibliotecas, conversando com amigos sobre o passado. Não atuou como um homem de institutos e academias. Uma invisibilidade que tendeu a se perdurar na historiografia, na qual, quase sempre é pensado como fonte e não como produtor de um texto histórico.

Contudo, a principal contribuição de Serafim Santiago foi no âmbito historiográfico, ao ter escrito um livro que evidenciou a história de sua cidade, no mesmo contexto no qual outros letrados também se preocupavam em pensar a história do mesmo espaço, como Manuel dos Passos de Oliveira Telles e Severiano Cardoso. Serafim Santiago, por seu turno, elaborou uma narrativa histórica que mergulhou no cotidiano, trouxe para o primeiro plano as experiências de grupos socialmente marginalizados, tratou com protagonismo as histórias de caboclas e negros escravizados. Tratou das festas e religiosidades com a mesma seriedade com a qual pensou a história política.

Se no âmbito do estilo, ele demonstrou ser pouco ortodoxo e sistêmico, na esfera historiográfica, ele amplificou o horizonte de vozes e sujeitos a serem ouvidos, reconhecendo os limites de sua escrita: “Meu filho, como já sabe, minha história é um nunca acabar,



assim ficará faltando muita coisa para completar esta narração” (SANTIAGO, 2009, p. 345). A história era pensada em uma dimensão coletiva, na qual ele lançava algumas sementes que poderiam germinar e ter continuidade com outras mãos, com outros homens devotados ao passado.

Serafim Santiago costumava dizer ao leitor que se ficasse cansado da leitura deveria fechar o livro e “no íntimo do coração aplicar a alma de vosso pai e avô, uma prece e terminai com estas palavras: Resquies cant in pace. Assim, seja!” (SANTIAGO, 2009, p. 45). Diante de suas inestimáveis contribuições no campo historiográfico, é justo cumprir com o seu pedido: Serafim Santiago, descanse em paz!

Referências

162



CALAZANS, José. Cantigas de cacumbis e taieiras de Sergipe. *Revista de Aracaju*. N. 4, 1951, p. 176-182.

CRUZ, José. “Aracaju de outrora”: a orquestra do Mestre Cula (contribuição ao estudo do folclore sergipano). *Revista de Aracaju*. Ano 6, Aracaju, 1957, p. 255-265.

DANTAS, Beatriz Góis. Calendários e festas na antiga São Cristóvão. In: SANTIAGO, Serafim. *Anuário Christovense ou Cidade de São Cristóvão*. São Cristóvão: EDUFS, 2009, p. 17-28.

DANTAS, Beatriz Góis. *A taieira de Sergipe: uma dança folclórica*. 3ª. Edição. Aracaju: SEDUC, 2022.

DANTAS, Beatriz Góis. Independência: celebrações, memórias e símbolos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Vol. 2, n. 50, 2020, p. 17-38.

DANTAS, Ibarê. Apresentação. In: SANTIAGO, Serafim. *Anuário Christovense ou Cidade de São Cristóvão*. São Cristóvão: EDUFS, 2009, p. 5-6.

DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: a história e a identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: EDUFMG, 2005.

FERREIRA, Sarah Karolina Sucar. “Apaixonei-me deveras (...) pelo estudo dos papeis velhos”: os usos do passado na construção do espaço norte-rio-grandense nos escritos de Vicente de Lemos (1907-1912). Natal, 213 f. Dissertação (Mestrado em História). UFRN, 2023.

FREITAS, Itamar. As histórias de Santiago e de seu Anuário. In: SANTIAGO, Serafim. *Anuário Christovense ou Cidade de São Christóvão*. São Cristóvão: EDUFS, 2009, p. 9-16.

GALANTI, Raphael Maria. *Compêndio de História Universal*. 4ª. Ed. São Paulo: Duprat, 1907.

LIMA, Jackson da Silva. Anuário Cristovense – Serafim de Sant’Iago. *Revista Sergipana de Folclore*. N. 2, 1977, p. 47-70.

LIMA, Jackson da Silva. Fontes para o estudo do folclore em Sergipe. *Revista Sergipana de Folclore*. N. 1, 1976, p. 41-56.

MACIEL, Thais Fernanda Vicente Rabelo. De “Itália Sergipense” a “Relicário de Saudade”: música em São Cristóvão provincial (1820-1889). Belo Horizonte, 471f. Tese (Doutorado em Música). UFMG, 2021.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O beneditino pesquisador: a contribuição de Epifânio Dória à historiografia sergipana. *Tom*. N. 1, 1998, p. 131-142.

ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas*. São Paulo: Loyola, 1992.

REIS, José Carlos. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SALES, Tatiana Silva. *Intelectuais e “folclore” em Sergipe: um estudo sobre a Comissão Sergipana de Folclore (1948-1976)*. São Cristóvão, 97f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UFS, 2018.

SANTIAGO, Márcia Maria Santos; SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Desastre de Ano Bom: tristes lembranças da Festa de Bom Jesus dos Navegantes de 1911 em Aracaju. *Caderno do Estudante: Ciências Humanas*. Vol. 5, n. 4, 2006, p. 37-44.

SANTIAGO, Serafim. *Anuário Christovense ou Cidade de São Christóvão*. São Cristóvão: EDUFS, 2009.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a invenção da historiografia sergipana. In: ALBUQUERQUE, S. B. M.; SANTOS, M. F. J.; SANTOS, A. L. S. M. (Orgs). *História, Memória e Comemorações na Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE*. Aracaju: IHGSE, 2014, p. 107-156.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *Caminhos da Penitência: a solenidade do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão (1886-1920)*. Aracaju: Criação, 2015.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “O prefácio dos tempos”: caminhos da romaria do Senhor dos Passos em Sergipe (séculos XIX e XX). Niterói, 320f. Tese (Doutorado em História). UFF, 2015.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Mergulhados em uma profunda tristeza”: tensões política na Ordem Terceira do Carmo de São Cristóvão (1874-1882). *Saeculum: Revista de História*. vol. 26, n. 45, 2021, p. 37-56.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Um longo estudo feito de boa fé sobre a questão vertente”: Joaquim José de Oliveira, os fazeres historiográficos e a questão dos limites no Oitocentos. *Expedições: Teoria da História e Historiografia*. Vol. 15, 2022, p. 181-203.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Um operoso e erudito estudioso da história de nossa pátria”: Raphael Galanti e o ensino de História do Brasil (1896-1917). *IHS: Antiguos Jesuítas em Iberoamérica*. Vol. 7, n. 2, 2019, p. 42-62.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. *A peregrinação à Divina Pastora*. Aracaju: EDISE, 2015.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus; NUNES, Verônica Maria Meneses. Na trilha dos Passos do Senhor: a devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão. *Revista da FAPese de Pesquisa e Extensão*. Vol. 2, 2005, p. 97-110.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. “Para felicidade dos povos que habitam este clima”: Manoel Antônio Coriolano e a escrita da Notícia Histórica da Província do Rio Grande do Norte (1875-1881). *Muitas Vozes*. Vol. 11, 2022, p. 1-13.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Uma história de pés descalços: os ex-votos e a experiência dos romeiros do Senhor dos Passos de São Cristóvão (Sergipe, Brasil). *Revista Brasileira de História das Religiões*, 12(34), 2019, p. 173-200.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Aos pináculos da serra, invadindo o sertão: Theodoro Sampaio e a invenção do limite meridional do Brasil na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1896-1912). *Estudos Históricos*. Vol. 35, n. 77, 2022, p. 1-21.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2007, p. 231-270.